

Introdução

As segundas Eleições Legislativas de toda a História de Angola tiveram lugar no dia 5 de Setembro de 2008.

Nesse dia, a maioria esmagadora da população angolana levantou-se cedo com o firme desejo de exercer o seu direito de voto. Para o bem ou para o mal, aquele era um dia fadado para entrar na História de um povo que tinha sofrido 4 décadas de guerra e agora prometia para si próprio virar a página da discórdia, da oligarquia e da intolerância política para entrar definitivamente numa nova era.

Infelizmente, não foi o que aconteceu. Nas eleições do dia 5 de Setembro de 2008, o Povo Angolano e a comunidade internacional assistiram a uma sucessão de irregularidades, só possível num país em que o poder não olha a meios para se perpetuar. Na realidade, essas irregularidades tiveram o seu início muito tempo antes, ao longo de todo o processo de preparação das eleições.

Mas, o Povo Angolano pertence a uma só família. Assim, para além daquilo que ouvimos, vimos e lemos, o conhecimento dos factos aqui narrados advém também da informação que nos chegou por via de indivíduos que, embora sendo membros do Partido maioritário, se dignaram informar-nos. Outros dados ainda foram apresentados por cidadãos apartidários, sem absolutamente nenhum compromisso com a UNITA ou com qualquer outro partido. São homens e mulheres que se sentem traídos de mais uma vez assistirem um adiamento da implantação da democracia efectiva no nosso país.

É por demais sabido que da democracia formal à democracia real há uma enorme distância a percorrer e as gritantes irregularidades deste processo eleitoral atestam bem essa verdade. Uma vez mais, em Angola, a democracia real foi adiada e o país vai ter de consentir mais um percurso espinhoso para conseguir sair da democracia aparente em que ainda se encontra para uma democracia que verdadeiramente interessa, a democracia real. Na realidade, nas Eleições Legislativas de 2008 assistiu-se a uma verdadeira corrupção da democracia.

Nós não temos dúvidas em afirmar que, a médio prazo, as eleições angolanas de 5 de Setembro de 2008 ficarão para a História como um exemplo típico de subversão da democracia. Tratou-se de um exercício bem organizado para legitimar uma autocracia. Mas, como ninguém é dono do Povo Angolano, não temos dúvidas de que, tarde ou cedo, Angola será um país verdadeiramente democrático.

A União Nacional para a Independência Total de Angola (UNITA), na sua qualidade de maior partido da oposição, publica esse testemunho para que fique registado para a História o que foram afinal as Eleições Legislativas “livres e justas” de 2008.

Sim, nas Eleições Legislativas de 2008, o partido maioritário ganhou. Contudo, tão viciado foi o processo eleitoral que o Governo que daí surgiu tem a sua legitimidade democrática gravemente ferida. De facto, com tantas e tão gritantes irregularidades foi preciso muito esforço para aceitarmos essa realidade. A UNITA fê-lo em nome da estabilidade.

Sabemos que não há processos eleitorais totalmente isentos de mácula. Contudo, quando num processo cujos responsáveis pela sua organização afirmaram de antemão que iria ser exemplar pois estava tudo bem organizado, quem pode acreditar que as generalizadas irregularidades tenham sido apenas acidentes de percurso e não parte de uma estratégia programada? Ninguém, certamente.

É caso para se perguntar: que foi que faltou para essas eleições poderem ser consideradas fraudulentas? É a pergunta legítima que se deixa à consideração de todos os observadores nacionais e internacionais a estas eleições.

Quanto à UNITA, ela sabe que está para ficar em Angola e vai saber honrar o seu compromisso para com o Povo. Não haverá democracia sem o respeito da vontade do eleitorado. Não haverá desenvolvimento económico sustentado, fora do quadro de uma democracia verdadeira. O nosso compromisso com o Povo Angolano obriga-nos a manter o nosso apego à luta pela democratização do nosso País.

Fique o leitor já alertado que nesta publicação não se incluem todas as irregularidades dessas eleições. Procuramos apenas seleccionar alguns dos factos mais marcantes desse processo. Com este trabalho, estamos certos de que as gerações vindouras perceberão o que não se deve fazer em eleições que se pretendam democráticas. É o nosso humilde contributo para o fortalecimento do regime democrático.

A Direcção da UNITA agradece todos aqueles que trabalharam para que esse Livro Branco pudesse ser publicado. Um agradecimento muito especial aos Secretários Provinciais do Partido que na altura das eleições tudo fizeram para que a presença do partido fosse efectiva nas respectivas Províncias. Um reconhecimento a todos os outros agentes eleitorais do partido, homens e mulheres de todas as idades, que deram o seu melhor nessas eleições.

A última palavra de agradecimento vai para todos os membros do Partido que trabalharam para que essa obra pudesse vir à luz do dia: membros da Direcção, Secretários Provinciais, Secretários Municipais, Secretários Comunais, etc. etc. E, para que não corramos o risco de nos esquecermos de alguém vamos nos abster de referir qualquer nome.